

Sumário: O autor começa apresentando os problemas eclesiológicos enquanto efeitos do processo de transição da modernidade à pós-modernidade. Entre os problemas, ressalta a exclusão social dos empobrecidos, a exclusão das pessoas com deficiência, o “cisma ofuscado” na própria Igreja Católica e a multinacionalização da vida consagrada. A seguir expõe a experiência eclesial dos Grupos de Reflexão em Santa Catarina enquanto alternativa e meio de integração de todos, mas de maneira preferencial, das pessoas com deficiência.

Abstract: The article deals with ecclesiological problems arising from the transition from modernity to post-modernity. Among a number of problems mention is made of social exclusion affecting poor people, and persons suffering from some kind of deficiency, and a kind of “concealed schism” in the Catholic Church, and the expansion of religious orders on a multinational scale. Another subject under consideration is ecclesial experience in vogue among Groups of Reflection in the State of Santa Catarina which in practice is an alternative community and a kind of social integration especially when disabled people are sought out to become members.

Grupos de reflexão e pessoas com deficiência

Uma catequese às Igrejas

*Célio Ribeiro**

* O Autor é Mestre em Teologia Sistemática e professor de História e Teologia na Universidade Regional de Blumenau. Fone: (47) 3339 8480.



É sabido que vivemos num caldo que pode ser denominado de Brasil pós-moderno. É tempo de informações ilimitadas e escândalos. Nada que é feito às ocultas deixa de ser revelado. Não há nem mais os antigos segredos de Estado. Vive-se à vista de todos!

A época em que as novidades chegavam e um esperado Concílio era agendado para dar respostas ao mundo, ficou no passado. Quando um fato, principalmente os escândalos, estão sendo concluídos, os meios de comunicação no mesmo instante se encarregam de esparramar tudo a todos ao vivo e a cores.

Nos meios eclesiais, estamos à beira de um grande “cisma ofuscado”, com três ou mais igrejas dentro da própria Igreja: de um lado, uma Igreja neopentecostal de mídia que faz uso dos mesmos métodos de descarregos e coisas parecidas; de outro, presenciamos uma Igreja dependente do “incenso, da água benta e das teses do Vaticano I”, dogmática e sacramentalista; e ainda, além da Igreja das paróquias e dioceses, podemos presenciar uma Igreja de periferia, aparentemente menos atenta às propostas das encíclicas: são os denominados Grupos de Reflexão ou Igreja das casas.

Depois da *Dominus Iesus*, devemos repensar o conceito de ecumenismo e voltar nossos olhares para dentro da Igreja Católica, repensando nossa metodologia no processo de evangelização. Aqui os desafios são ainda maiores! Para enfrentar os desafios eclesiológicos pós-modernos não devemos ficar exagerando em encíclicas, documentos e expressões dogmáticas. As soluções possíveis podem ser originadas na margem, junto daqueles que estão distantes das catedrais. Os novos problemas devem ser enfrentados com novas metodologias. Chega de tentarmos resolver problemas novos com métodos arcaicos.

Para uma melhor compreensão do assunto, faz-se necessário retomar duas questões antecedentes. Primeiro, o tema da Modernidade, entendida enquanto “*cógito, ergo sum*”, isto é, o apogeu da razão. Depois, ressaltar o conceito de pós-modernidade, que vem sendo conceituada como fenômeno cultural. Todavia, o autor busca sustentação para afirmar que a pós-modernidade é uma questão restrita de uma economia sem coração, é a práxis do “*consumo, ergo sum*”.

1. O fenômeno da modernidade

Após Descartes afirmar que, pensando, o humano pode enfrentar os desafios que interferem na vida humana, ganhou força a razão. Os



deuses perderam espaços, o humano saiu da margem para ocupar o centro da história. Assim, a contestação virou movimento filosófico para o acontecer da ciência. A Filosofia conquistou a liberdade, deixou de ser escrava para ser mestra.

Sabe-se que a fé dogmática, por muito tempo, menosprezou a ciência, principalmente a história e a economia. O mundo do além, o céu, absorveu o aquém e a terra. Diante do menosprezo do humano, do seu potencial, da sua terra e de sua história, é inevitável o encontro com um deus e ou ídolo autoritário, que mantém o crente intimamente alienado. Conseqüentemente, o crente se apresenta medroso, frustrado, intolerante e imaturo. A fé torna-se fuga do mundo. A vida deixa de ser concreta, não faz história para ser levada à abstinência social pela qual se legitimam injustiça, opressão, guerras, exclusão e morte.

A razão crítica tomou para si o monopólio do verdadeiro humanismo. Ela ia construir a sociedade fraterna, “o reino do homem”. A partir da segunda guerra mundial, o humanismo ateu mostrou a sua face desumana: holocaustos, bomba atômica, exploração dos empobrecidos, aniquilação da moral e da natureza colocaram o humanismo moderno em descrédito. Com o auxílio da apocalíptica, poderíamos dizer que a “desdivinização” do humano propiciou a sua “bestialização”.

De fato, a modernidade propiciou progressos e regressos. O mundo, a economia, o corpo e a sexualidade que eram vistos como maldade e des-humanização do humano, criado para viver em pericórese¹, receberam um conceito moderno. A criação passou a ser acolhida como muito boa. “*Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom*” (cf Gn 1,31). Pregando a bondade da criação, a modernidade afirmava a beleza do mundo e sua autonomia. O ser humano pôde iniciar seu caminho pela história com suas próprias pernas.

1 Ou “pericórese” (proparoxítono). A partir de João Damasceno, falecido em 750, o termo grego περιχώρησις (*perichôrêsis*, girar ao redor) é utilizado para designar a comunhão ou a recíproca efusão de amor entre os Três eternos amantes. No latim foi traduzido por *circuminsessio* (de circum, equivalente a “em redor”, “estar sobre ou dentro”, coabitação) ou *circumincessio* (*incedere*, avançar). A palavra quer designar a grande verdade da Trindade, fazendo a ligação entre a unidade e a Trindade, isto é, a comunhão. Há uma circulação total da vida e uma co-igualdade perfeita entre as Pessoas, sem qualquer superioridade de uma à outra. Tudo é comunitário e comunicado entre si, menos o que é impossível de comunicar: o que as distingue uma das outras. Cf. RIBEIRO, Célio. A vida consagrada a luz do termo pericórese in: *Revista de Cultura Teológica*, Nº 53, São Paulo, 2005, p. 36-39.



Sob a influência moderna do imperativo categórico de Kant² e ou da filosofia dialética de Marx³, considerando, sobretudo, os movimentos sociais liderados por “agentes pastorais” como sinais da ação divina, ocorrem para cristãos modernos os exigidos “sinais” da presença de Deus quando os “agentes” conseguem transformar a realidade do jeito como entendem que devem. A atuação eficiente do homem transformador virou metáfora e sinal do Deus transformador. O agente requer para a própria prática a presença de Deus.

Surge, na “mística” a prática de “construir o Reino de Deus”, na qual os “agentes” se propõem a converter os empobrecidos pela alienação, à sua visão de vida e de economia. São eles – iludidos pela força da razão – que “conscientizam as comunidades” e “conduzem o processo frustrado de libertação”.

Dessa forma, a fé havia-se tornado sinônimo da possibilidade de construir o Reino da Razão, com sinais cada vez mais nítidos e crescentes de sua presença. Orquestrando todo esse projeto utópico, estava a razão “iluminista”. Mas este messianismo, nos modelos modernos, não atingiu a meta que se propôs a si mesmo. A crise se fez notada pela perda de incidência das práticas políticas na sociedade.

Os assessores, animadores e promotores sociais se confessam desiludidos pela consciência da incapacidade de instalar o Reino. A visão linear da história, subjacente à idéia da “construção do Reino já”, perdeu substância e relevância. Não contaram com a contingência e as ambigüidades da história concreta. Querendo construir nesta terra “o Reino imaginado”, os agentes fugiram apressadamente das incertezas da história para abrigar-se na paz ilusória de uma proposta definitiva. Exigiram para a sua prática todo o respeito da presença de Deus, mas uma vez mal sucedidos, sentiram-se abandonados por ele.

O clero brasileiro – secular e religioso – em função disto chegou a mergulhar em profunda crise de esperança, que acabou por traduzir-se em crise de subjetividade, da qual emergem antigos e sérios problemas de afetividade e sentido de vida que haviam sido cicatrizados durante os anos de militância, abafados tantas vezes pela urgência do agir e por uma utopia que não deixava lugar a dúvidas nem a questões pessoais⁴.

2 Cf. BOFF, L. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 33.

3 Cf. BORNHEIM, G. *Dialética: Teoria e praxis*. Rio de Janeiro: Globo, 1983, p. 178 – 201.

4 Cf. ANDRADE, P. F.C. A condição pós – moderna como desafio à pastoral popular in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v53, Petrópolis, 1993, p. 99.



O deus hegemônico que as elites imaginaram, falhou. Era o deus de Nietzsche que acabava de morrer. A sua “força” não foi suficiente para convencer os ricos a abandonarem suas táticas opressoras, mas foi suficiente para passar por cima dos empobrecidos, não lhes respeitando a identidade cultural. Aos próprios “agentes”, este imaginado deus pediu grandes sacrifícios, enquanto eles se sentiam na obrigação de construir o “Reino já”, isto é, o definitivo no provisório, o absoluto no contingente.

De certa maneira, tinham-se tornado infiéis à revelação do Deus da Bíblia. Tinham largado a inspiração inicial. Deus estava no início de sua prática: na indignação ética que o sofrimento dos irmãos lhes causava. Manifestava-se a eles no próprio sofrimento dos empobrecidos. Mas em vez de continuarem fiéis a esta manifestação, queriam toda a presença de Deus às suas atitudes. Foi a tentativa de escrever na história o evangelho segundo a razão experimental.

O Deus da misericórdia, cuja presença captavam no rosto e no grito das vítimas, foi usurpado pelas elites e voltou a ser um Deus hegemônico que lhes dava todo o aval para uma “prática transformadora” elitista.

Afirmando a autonomia do mundo, a modernidade apresentou a pessoa humana para assumir a responsabilidade pelo que acontece na história. Essa autonomia também foi assumida pela Igreja, afirmando que, graças ao saber científico e ao desenvolvimento de tecnologias, o domínio do ser humano sobre o universo, que outrora se esperava sempre do alto, hoje, buscava-se conquistar com os recursos de que se dispõe⁵.

Como consequência, a cada minuto, países do mundo gastam 1,8 milhão de dólares com armamento militar; a cada hora 1500 crianças morrem por causa da fome ou por causa de doenças provocadas pela fome; a cada dia deixa de existir uma espécie animal ou vegetal; com exceção do tempo da 2ª guerra mundial, na década de 1980, a cada semana foram presas, torturadas e assassinadas, ou tiveram que fugir ou foram oprimidas de alguma forma por governos repressivos, mais pessoas do que em qualquer outra época da história; a cada mês são acrescentados pelo sistema econômico mundial mais 7,5 bilhões de dólares de dívidas já existentes. Essa dívida é hoje uma carga insuportável aos países empobrecidos. A cada ano é devastada para sempre uma parte da floresta tropical, correspondente a 3 ou 4 vezes a área territorial da Coreia⁶.

5 G.S. 34 – 36.

6 Estes dados provêm do documento preparatório para a reunião mundial das igrejas cristãs em Seul, 1990, in: KUNG, H. *Projeto de ética mundial*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 16.



Portanto, a modernidade deve ser afirmada na sua forma humana, mas deve ser sempre negada nos seus limites desumanos.

2. Transição do que era moderno ao acontecer do pós-moderno.

A modernidade messiânica crucificou e foi crucificada. Não ressuscitou e não ressuscita. A ética cedeu lugar à eficiência. A cultura do mais forte se propaga com a força do capital e pelos meios de comunicação. O capital se apresenta enquanto verdade, ocasionando um ensimesmamento da pessoa. O que vem a ser comunitário e familiar tornou-se ridículo. Narcisismo e hedonismo tornaram-se expressões religiosas. O bem-estar da minoria é sustentado pelo holocausto dos empobrecidos.

Do ponto de vista econômico, o que era visto como moderno eliminou as estruturas feudais (O Brasil-colônia não interessava mais!), originando o capitalismo industrial e pós-industrial⁷, isto é, uma forma de buscar o capital que é mais viável denominar de neocapitalismo e/ou neoliberalismo.

No capitalismo industrial, a economia era definida enquanto ciência para enriquecer simultaneamente o povo e o soberano emprestando-lhe mais o caráter de arte do que ciência, isto é, a concentração de renda, a divisão de classes e conseqüentemente a “luta de classes”. Maiores riquezas, maiores possibilidades, maiores e mais numerosas necessidades, maior o consumo. Maior é o consumo, maior é a riqueza da minoria.

O século XIX, século capitalista, através da burguesia, seduzida pelas idéias liberais, vê surgir decisivos fatores do seu progresso: o sistema escravocrata não propicia o lucro esperado. Com esse sistema, o capitalismo perdia em número de consumidores. Organizam-se patrões e assalariados, multiplicam-se os bancos e a moeda ganha força, valor e poder. Todavia, no neocapitalismo, não é suficiente o enriquecimento do povo e do soberano, pois os meios que propiciam a concentração de renda vêm a ser a lógica do “ter para existir”. No entanto, para ter torna-se necessário o consumo e o empobrecimento da maioria. O mercado torna-se o centro da economia e da vida em sociedade. Mo Sung confirma que do otimismo passamos ao pessimismo antropológico, que se converte em

7 SOUZA, N. Evolução histórica para uma análise da pos-modernidade in: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. *Teologia na pós – modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 103-140.



“otimismo” pela fé e esperança no mercado. A impotência humana diante dos desafios históricos, a onipotência e onisciência do mercado, constituem a mesma e única realidade para a economia neoliberal⁸.

O triunfo do neocapitalismo com sua lógica do lucro a todo custo, sem limites, resultou na anexação do movimento da modernidade no seio da economia. O que era moderno originou uma economia pós-moderna e/ou uma nova forma de fazer economia. Assim, essa nova forma de administrar e de viver no globo e ou na “aldeia global” entra num novo período da história. Eis ao vivo, em cores e on-line, o poder da pós-modernidade. O que era moderno à luz da economia de mercado tornou-se pós-moderno, ofuscando a figura do Deus mencionado pelas Escrituras sagradas.

Se na modernidade Deus perdeu seu espaço na história, gestando-se um novo humano que se identifica com a imagem e a semelhança de um ser irracional, que exclui de si a sensibilidade e a empatia com a sua própria espécie, na pós-modernidade tanto Deus quanto o próprio humano perdem espaços por máquinas inteligentes. Do teocentrismo resultou um antropocentrismo gerador do cibercentrismo, revitalizador de práticas opressoras e de exclusão social e econômica.

Assim, o que está sendo denominado de pós-modernidade é um fenômeno que gera fenômenos. Em tempos de pós-modernidade, o ser humano presencia:

1. uma economia pós-moderna, isto é, pós-capitalista e pós-socialista, com avanços na economia de serviços (setor terciário: comércio, transporte, saúde, educação, pesquisa, comunicação e administração), em detrimento da economia produtiva (setor primário e secundário: agricultura e indústria.) que origina novas elites técnicas. É a transição de uma sociedade produtora de mercadorias para uma sociedade de informações e saber. Hans Küng chama essa economia de “economia ecossocial de mercado”;
2. uma geopolítica pós-moderna: em vez de um eurocentrismo, presencia-se um policentrismo. Na liderança estão Estados Unidos, Rússia, União Européia, Japão e, logo, também a China e a Índia;

⁸ Cf. MO SUNG, J. *Deus numa economia sem coração*. São Paulo: Paulus, 1992., P. 67.



3. uma sociedade pós-moderna: tomará cada vez mais a forma de uma sociedade de prestação de serviços e de comunicações;
4. uma família pós-moderna: cresce o sistema pós-patriarcal nas relações entre sexos, desenvolvem-se cada vez mais novos modelos de famílias com relacionamento de companheirismo entre mulher e homem, e possivelmente também entre mulher e mulher ou entre homem e homem;
5. uma religião pós-moderna: está surgindo um mundo pós-confessional e inter-religioso. Isso significa que, devagar e com muitas dificuldades, desenvolve-se uma comunidade multiconfessional e ecumênica⁹.

3. Grupos de Reflexão: uma Igreja na pós-modernidade doméstica e com as pessoas com deficiência

Em Santa Catarina, percebe-se uma experiência doméstica de ser Igreja. São os denominados Grupos de Reflexão. Os mesmos podem ser caracterizados enquanto: a) Igreja que está nas casas e faz a experiência de micro comunhão na macro comunhão; b) Igreja-missionária que evangeliza sendo evangelizada; c) Igreja de comunhão-participação que cria fortes vínculos afetivos; d) Igreja que une a Fé e Vida da vizinhança; e) Igreja que refaz a pessoa, tirando-a do anonimato; f) Igreja que tem a Bíblia enquanto referência para a comunhão; g) Igreja à imagem e semelhança da Santíssima Trindade, Grupo em eterna Reflexão e paixão por todas as pessoas, mas de maneira preferencial por aqueles que carregam deficiências.

E, por ação pneumatológica, é possível a contemplação de um Deus-comunhão, parceiro da vizinhança, que concretiza a vida comunitária, porque as pessoas intrinsecamente se abrem às outras, existem com as outras e são pelas outras. E “pessoas” também é o termo dado aos filhos de Deus com deficiências: as de ordem intrínseca e as de ordem extrínseca.

O tema da Campanha da Fraternidade de 2006 aborda a dignidade e os direitos das pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo, à luz dos princípios evangélicos e éticos, são analisadas criticamente diversas atitudes pouco fraternas em relação às pessoas com deficiência e soluções

9 Cf. KÜNG, H. *Projeto de ética mundial*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 45 – 46.



inadequadas para a sua problemática, apontando diversas pistas para a maior inclusão social e religiosa dessas pessoas.

As ações sugeridas envolvem a denúncia de situações discriminatórias e de exclusão; tratam da ação da família, da prevenção das várias formas de deficiência e da promoção de atitudes fraternas.

A Campanha traz ao centro de nossa atenção as pessoas com deficiência, que são freqüentemente vítimas de preconceitos e discriminação, sobretudo numa tendência cultural que privilegia os fortes e saudáveis, os belos e fisicamente perfeitos, enquanto marginaliza e até exclui os que têm menos capacidade de se afirmar sozinhos e de competir com os outros.

As “deficiências” intrínsecas são as mais complexas, mas são reveladas pelas atitudes pecaminosas do ser humano, que se destacam na esfera social e econômica, privilegiando alguns às custas da maioria.

As de ordem extrínseca, podem ser de três tipos: física, sensorial e cerebral. Pessoas com deficiência são tantas: cegas, surdas, mudas, as que têm algum tipo de dificuldade motora ou deficiência mental. Em maior ou menor grau, os vários tipos de deficiência atingem boa parte da população. E, ao longo da vida, todos estão sujeitos a adquirir algum tipo de deficiência. Por isso, o tema é de grande interesse social.

O lema – “*Levanta-te, vem para o meio*” (Mc 3,3) – é da passagem do Evangelho de Marcos, em que Jesus cura um homem com a mão atrofiada. Tudo leva a pensar que aquela pessoa estava à margem por causa da sua deficiência. Talvez lhe fosse até atribuído o estigma de ser um pecador e castigado por Deus, por causa do seu estado. Era o dia sagrado de sábado, no qual não se podia fazer nenhum serviço. Jesus chama esse homem: “*Levanta-te, vem para o meio!*” E o integra na comunidade dos discípulos.

A palavra e a atitude de Jesus ensinam muita coisa: são um convite para que as pessoas com deficiência extrínseca ou intrínseca, não caiam no isolamento e não se resignem a ficar à margem; que ocupem seu espaço e assumam sua dignidade. Jesus não deixa o homem sozinho com o seu problema, mas lhe estende a mão e o ajuda. E a todos os presentes, dá a entender que aquela pessoa não podia ser desprezada e abandonada a si mesma. A palavra e a atitude de Jesus desafiam os considerados saudáveis, os fortes e fisicamente “perfeitos”, a superarem o preconceito e a discriminação em relação às pessoas com deficiência.



A Campanha também é um grande momento para a evangelização e promoção de atitudes de fraternidade e a cultura da solidariedade social, coerentes com o ensinamento do Evangelho e com a prática dos Grupos de Reflexão.

Por isso, está no centro desta reflexão o já mencionado conceito de pericorese. Ela é o princípio estruturador da fé em Deus que se revela Trindade. “*Eu e o Pai somos um...*” (Cf. Jo 10,30) numericamente um. E pelo amor e pela recíproca união os Três são uma só realidade. O Espírito está sempre junto, porque é o Espírito do Filho que vem da parte do Pai a pedido do Filho (Cf. Jo 14, 16). E sendo Deus comunidade, cria um ser “*à sua imagem e semelhança...*” (Cf. Gn 1,27): à sua imagem e semelhança Deus cria o humano para ser comunidade (Na criação já é possível contemplar um sistema econômico carregado de solidariedade, sensibilidade e empatia.). E no humano, o Espírito de Deus descansa (Is 61,1) e habita no meio do humano e os converterá a Deus desde seu íntimo, permanecendo no meio do seu povo (Cf. Jr 31,33).

Sendo Deus comunidade, um Grupo em eterna Reflexão, através do Paráclito, Ruah que pairava sobre as águas (Cf. Gn. 1,2), a história recebe uma inundação. As culturas foram inundadas de dons do Espírito comunitário e fraterno. Assim, a vida comunitária não pode ser tratada como patrimônio da vida religiosa, mas é um modelo econômico para todas as culturas. Este modo de vida, esta economia participativa, é viável conceituar exclusivamente enquanto *χάρις* (*cháris*), um termo demasiadamente significativo para a teologia, mas mais ainda para a história e para o conceito de economia aqui trabalhado. O termo grego para a saudação do anjo, usado por Lucas (1,28), é *χαίρε* (*chaíre*). É a saudação grega que corresponde ao “salamalek” dos árabes atuais ou ao “shalom lak” dos hebreus, podendo-se traduzir: *salve* ou a paz esteja contigo e ou, *em meu coração há lugar para ti!* Existe uma conotação de alegria na palavra *χαίρε*, porque em grego alegria é *χαρά* (*chará*) que tem a mesma raiz que *χάρις* (*cháris*), graça. A alegria brota da manifestação da graça, dom da Trindade. Assim, na economia solidária – na vida comunitária sem nada de próprio – Deus se revela.

4. Quando a vida comunitária rompe com a Trindade, as pessoas com deficiência são excluídas

A vida comunitária consagrada constitui uma das mais belas obras de arte da história. Ela nasce do coração da Trindade, enquanto experiência



da Trindade. Toda a práxis dos religiosos consagrados acontece pós-experiência da Trindade, ou seja, é consequência da espiritualidade. Assim, é possível afirmar que não há vida comunitária de consagrados sem espiritualidade. Mas a vida religiosa e ou comunitária não é espiritualidade. Espiritualidade é outra coisa. A vida religiosa consagrada pode ganhar a mesma autonomia da modernidade, articulando poderes com outros poderes, perdendo a fonte que a mantém viva e solidária.

No lugar de personalidades carismáticas e espirituais, passam a criar burocratas do sagrado – nas editoras, nos hospitais e nos opulentos colégios muito distantes das periferias – e do mercado pós-moderno, fortalecendo o consumismo e alimentando o sistema econômico que vigora através de um processo de multinacionalização da vida consagrada¹⁰. É o império do “*consumo, ergo sum*”, originado pela castração psicológica¹¹ e econômica da pessoa humana. Ao invés de pastores e profetas que se colocam no meio do povo, geram autoridades eclesiais, acima do povo e de costas para ele. Não se formam fiéis criativos, não se propicia a maturidade na fé, mas o infantilismo e a subserviência. O resultado é a mediocridade, a acomodação, emudecimento e o consumismo exacerbado.

Sendo assim, as pessoas com deficiência, para uso das sessões de fisioterapia e acesso à educação, deverão apresentar o cartão de plano de saúde com as mensalidades em dia ou mendigar junto ao caos do sistema de saúde pública, despreparado para atender as pessoas com deficiência e/ou esperar pelo assistencialismo arcaico das entidades filantrópicas¹²,

10 Números oficiais mostram que os incentivos já concedidos pelo governo federal às instituições privadas filantrópicas envolvidas no mercado universitário da educação, seriam suficientes para dobrar o número de alunos nas universidades federais. Beneficiadas com a isenção fiscal, as filantrópicas consomem atualmente R\$ 839,7 milhões ao ano. É dinheiro que o Estado deixa de arrecadar e aplicar nas escolas públicas e no Instituto Nacional de Seguro Social (É dinheiro tirado dos empobrecidos!). Estudo realizado pelo próprio Ministério da Educação indica que são necessários R\$ 800 milhões para criar cerca de 520 mil vagas nas universidades públicas. Cf. Ministério da Educação e Cultura in: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, 12 de abril de 2004, p. C 1. O estudo mencionado envolveu somente o ensino superior, reservado à minoria do povo brasileiro. Quanto será que as instituições filantrópicas envolvidas no mercado da educação básica, no mercado da saúde e no mercado editorial, tiram dos cofres do Estado? O número parece ser infinito, porém, fica uma outra questão: Que ética é utilizada para acolher o certificado de entidade filantrópica e/ou “pilantrópica” num país onde não é possível fixar um salário mínimo com as correções monetárias perdidas na história? Caso contrário, o caos na economia seria inevitável, devido aos 11 milhões de aposentados dependentes da Previdência Social.

11 MONICK, E. *Castração e fúria masculina*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 37.

12 A Lei 3.577 de 04 de julho de 1959 foi revogada pelo Decreto – Lei 1.572 de 01 de Setembro de 1977. Atualmente a questão da Concessão do Certificado de Entidade



que transformam nossos irmãos e irmãs em autênticos objetos, sem perspectivas de história.

Ao contrário, os precursores de ordens e congregações religiosas – Santo Agostinho, São Francisco de Assis, São Domingos, Santo Inácio de Loyola, São Camilo e tantos outros, foram pessoas profundamente carismáticas, que mergulharam de forma extraordinária no mistério de Deus. Pessoas que, ao se encontrarem com Deus, se apaixonaram pela comunidade humana e não mediram sacrifícios para que o ser humano viva sem esquecer dos irmãos, principalmente daqueles que estão à beira da estrada. Foram santos vivos inundados pelo Espírito do Deus dos cristãos; fizeram a diferença no seu contexto histórico e cultural.

5. A identidade dos religiosos nos Grupos de Reflexão: uma economia solidária com coração e afeto

Nas quatro instâncias constitutivas da Igreja, enquanto grandeza teológica, os Grupos de Reflexão propiciam contribuições notáveis: à palavra (apropriação pelos leigos do comentário bíblico e da reflexão), à celebração (criação de novos ritos e reintegração dos ritos tradicionais), aos ministérios (surgimento de vasta gama de serviços, ministérios e carismas); por fim à missão (com a criação de outras comunidades e

Beneficente de Assistência Social é regida pela Lei Orgânica de Assistência Social 9.732 de 11 de dezembro de 1998. A imunidade tributária está prevista pela Lei Federal 5.172 de 25 de outubro de 1966 que instituiu o Código Tributário Nacional nos artigos 9º - 15º. Cf. MACHADO, H. B. *Comentários ao Código Tributário Nacional - v1 em 2 (Artigos 1.º a 95)*, São Paulo: Atlas, 2003. Com a Lei 3.577 de 04 de julho de 1959, as entidades de fins filantrópicos (esta nomenclatura foi revogada: de “Entidade de fins filantrópicos” passou para “Entidade beneficente de assistência social”, cf. Medida Provisória 2.129 de 23 de fevereiro de 2001, publicada no Diário Oficial da União de 26 de fevereiro de 2001), reconhecidas como de utilidade pública, cujos diretores não recebam remuneração, passaram a ter isenções previdenciárias. Com isso, as empresas que conseguiram o Certificado de Entidade Beneficente de Utilidade Pública passaram a adotar a prática de “Robin Hood”, isto é, tirar dos ricos e dar aos empobrecidos. Assim, 20% da arrecadação total da empresa deveria ser destinada aos empobrecidos. Cf. LOAS 8.742 de 07 de dezembro de 1993 do Conselho Nacional de Assistência Social, artigo 3º, VI. Com isso, muitos Seminários Religiosos passaram a ser beneficiados com doações das Entidades Filantrópicas. Cabe lembrar que atualmente as Entidades Filantrópicas são convocadas a fazer assistência social, ou seja, prestar serviços úteis e com freqüência a necessidades vitais das pessoas que carecem das mesmas. Por exemplo: uma entidade que oferece programas culturais de alto nível dá a pessoa que não pode pagar uma oportunidade valiosa, mas isso não caracteriza gesto filantrópico, pois não caracteriza uma necessidade básica e vital da pessoa. Cf. LEITE, B. C. *Filantropia e Assistência Social*, *Revista de Previdência Social*, nº 199/533, Brasília, 2000.



inserção na realidade local, social, econômica e política de forma transformadora).

Inegavelmente, esse novo modo de ser Igreja representa ainda uma distribuição distinta do poder eclesial, produz muitos bens simbólicos e elabora um consenso eclesial diferente daquele da Igreja hierárquica. Ele vem estruturado na Palavra de Deus, no pão dividido pela metade, na pedagogia de baixo para cima, na rotatividade das funções, na centralidade do empobrecido e das pessoas com deficiência, de sua libertação e na importância do projeto de Jesus de Nazaré na vida daqueles que optaram de maneira preferencial pelo cristianismo. Assim, os Grupos de Reflexão já concretizam o que sempre foi idealizado pelas inúmeras ordens e congregações de vida religiosa consagrada.

Os Grupos de Reflexão rompem com o capitalismo, assumem a práxis de Francisco de Assis, Agostinho de Hipona, Bento de Núrsia e de tantos outros idealizadores de ordens religiosas. No entanto, podemos fazer uma consideração pertinente: os fundadores de ordens religiosas optaram pela pobreza porque tinham alternativas, entre o dinheiro e a pobreza, optando pela segunda. Encontraram na atitude de ser pobre, um meio de romper com a economia de consumo para caminhar rumo à santificação. Nos Grupos de Reflexão, os empobrecidos diante da crise de alternativas, assumiram a identidade de empobrecidos e, a partir da margem sócio-econômica, estão em processo de libertação e salvação. Aproximando-se da vida comunitária com sabor de pericorese.

Apesar de certas contradições e dependências do velho modelo, não se pode negar a novidade eclesiológica pericorética adotada pelo novo modelo de Igreja presente em Santa Catarina. Este modelo conseguiu atrair para si parcelas importantes do cristianismo hierárquico. Estas comunidades realizam muitos milagres. Conseguem fazer religiosos e demais “cegos” enxergarem a realidade que exclui, oprime e mata (cf. Mt 20,29-34). Com a visão adquirida a partir dos empobrecidos tão presentes nas comunidades de base, muitos religiosos consagrados e membros do clero passaram a enxergar e a presenciar o milagre do “pão multiplicado” e partilhado (cf. Jo 6). Assumindo a ética do projeto de Jesus, as igrejas das casas conseguem desmascarar a idolatria, o mau uso do sagrado na história deste país e o falso poder através da denúncia e da resistência.

Concretamente, foi decisiva a formulação da opção preferencial de toda a Igreja pelos empobrecidos, contra a sua pobreza e em prol de sua libertação, marca registrada do novo cristianismo latino-americano.



A teologia da libertação não se entenderia sem a existência prévia de uma Igreja na base, entre os empobrecidos e marginalizados, com sua prática libertadora.

Junto dos Grupos de Reflexão é possível associar um projeto eclesiológico de comunhão e autêntica participação com uma economia inclusiva e sensível aos valores da pericorese existente na Trindade.

Assim, os Grupos de Reflexão tornaram-se o núcleo onde se faz a experiência de viver em comunidade tendo tudo no plural – nada é meu, tudo é nosso - e continuar na história a imagem e semelhança pericorética do Pai-Filho-Espírito. É onde se faz o encontro da fé e da vida, como experiência e missão.

A Igreja doméstica, os Grupos de Reflexão, não são filiais da Igreja paroquial, mas algo novo, original, com características próprias, específicas. O centro paroquial poderá ter a função geral de um conjunto de comunidades com as células denominadas de Grupos de Reflexão; a paróquia será então uma floração de Grupos de Reflexão, como serviço para a intercomunhão deles e sua comunhão plena na Igreja particular e com esta na sociedade e na “aldeia global”.

Os Grupos de Reflexão catequizam a Igreja e comunidades religiosas consagradas, pois partem, normalmente, de uma comunidade que já existe ou que se cria.

6. Igreja doméstica: fonte de ministérios

Os ministérios também são necessários à vida dos Grupos de Reflexão: autentificação da Palavra, a Eucaristia, sucessão apostólica e missão. Os ministérios não são hierárquicos, surgem segundo a necessidade das próprias comunidades. Os bispos e os presbíteros são servidores e ou animadores dos Grupos de Reflexão. Os religiosos são os profetas de nosso tempo. (Mais comprometedor é a vocação dos presbíteros-episcopos que assumem a tríplice missão de ser sacerdote, pastor e profeta. Responder a essa vocação de fato, é não ter medo da solidão e do martírio.) Em muitos casos, são apóstolos itinerantes e articuladores, muito semelhante ao que aconteceu nas comunidades do Apocalipse (cf Ap 2 e 3). O autor do Apocalipse encontrava-se banido da sociedade por denunciar o imperialismo romano e por resistir contra ele. Mas o exílio não cala o apóstolo, denuncia às comunidades o que está acontecendo, apesar de exilado ou preso (A ilha de Patmos, no mar Egeu, devia ser uma prisão



aos que ousassem discordar da Pax Romana, ideologia que mantinha os povos em regime de dominação política e exploração econômica)¹³. O diácono e/ou a diaconisa são aqueles que coordenam a comunidade, eles são chamados do seio da comunidade para servir a própria comunidade como foi o caso de Estevão e seus companheiros (cf. At 6,1-7) e da diaconisa Febe da Igreja de Cencréia, que ajudou a muitos e principalmente ao apóstolo Paulo (cf. Rm 16,1-2).

Podemos ver que os Grupos de Reflexão criam uma situação de Igreja, com grande pluralismo intra-eclesial. Por isso, as comunidades e os empobrecidos, através de seus agentes, se preocupam com uma mais inteligente descentralização pastoral e com a promoção de uma eficiente pastoral de conjunto.

Para a vida dos Grupos de Reflexão se deve confiar num processo de convencimento, que faz amadurecer lenta e profundamente as pessoas e grupos. Por isso, é necessário superar a tentação de uma economia de consumo, que exige resultados imediatos, fáceis e numerosos. Ao contrário, convivendo nos e/ou com os Grupos de Reflexão, é preciso dispor-se a um trabalho lento, difícil, que não oferece logo resultados estatísticos e muito menos proporciona a hospitalidade dos grandes meios de comunicação para aumentar o íbope. Trabalhando com as Igrejas das casas, nenhum “religioso” consegue vender três milhões de cópias de CDs cantando músicas neopentecostais.

No entanto, a grande novidade dos Grupos de Reflexão foi e permanece, sem dúvida, sendo a militância eclesial e social. Aos poucos, estas igrejas domésticas e populares poderão se articular melhor no aspecto político, revolucionando a Igreja e a sociedade.

Os Grupos de Reflexão representam a aliança concreta entre a fé e a vida dos oprimidos. Um modelo eclesial participativo e popular poderia sanar as deficiências estruturais existentes na Igreja. Em outras palavras: a base da Igreja da base é constituída pelos empobrecidos, que lutam para que o projeto de Jesus de Nazaré seja uma realidade onde possamos todos aguardar a plenitude. Ou seja, em termos apocalípticos, a sociedade-esposa do Cordeiro (cf Ap. 21,2), onde as relações entre o humano e o divino são marcadas pela liberdade, justiça, solidariedade, fraternidade e verdade. Isso, com certeza, contrasta fortemente com o arranjo econômico

13 Cf. BORTOLINI, J. *Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar*. São Paulo: Paulus, 1994, p.26.



neoliberal da sociedade, no qual a vida religiosa consagrada está mergulhada. Arranjo que está estruturado sobre a injustiça que gera opressão, exploração, acúmulo e mentira.

Contudo, a partir do texto de Mt 25,31-46, pode-se chegar à seguinte conclusão: os empobrecidos, pobres de diversos modos, não só carentes de pão, mas também privados de liberdade e direitos humanos, são os meios que Deus utiliza para julgar os que lhes arrebatam suas vidas e os que acumulam impérios. É a partir dos pobres que o Deus “de” e “em” Jesus de Nazaré nos questiona e nos interpela, sobretudo como faz Puebla:

“A situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor: feições dos povos indígenas e, com frequência também dos povos afro-americanos, que vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres; feições de camponeses que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, vivendo sem terra e sem teto, vivendo em situação de extrema dependência interna e externa, submetidos ao sistema de comércio que os enganam e os exploram; feições de operários, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos, e feições de menores e idosos, cada dia mais numerosos, freqüentemente postos à margem da sociedade (...)”¹⁴.

Que futuro têm os empobrecidos, as pessoas com deficiência, e a vida comunitária enquanto princípio de pericorese? É um futuro carregado de sonhos e vontades de sobrevivência. Internamente eles estão imbuídos de grandes inspirações evangélicas. Isso lhes confere a legitimidade própria do Evangelho, mantendo viva a chama da utopia.

O cristianismo dos empobrecidos e pessoas com deficiência reassume a grande tradição latino-americana dos indígenas, dos negros, dos sem-teto e sem-terra em geral e lhe confere uma expressão eclesial. Enraíza-se no cristianismo devocional de cunho leigo, popular, de rica simbologia em todas as culturas-testemunho da América Latina (asteca, maia, inca, tupi, ribeirinha, nordestina, gaúcha, carajá, catarinense, cabocla, caipira e outras tão presentes) que quase não foram desevangelizadas, resistiram ao tempo por graça e dom pneumatológico, no sentido de assumirem a seu modo o cristianismo, a partir das suas próprias matrizes.

¹⁴ Cf. CELAM, *Conclusões da conferência de Puebla*, 31, 34, 35, 36 e 39.



Pela metodologia vigente nos Grupos de Reflexão, do confronto entre fé e vida, partindo sempre das demandas da realidade, se torna mais fácil a inculturação do evangelho pelos próprios empobrecidos. Porém, configura-se um grande desafio para o futuro do cristianismo existente nas Igrejas. Ele não será mais exclusivamente ocidental-romano, mas também mestiço, afro-americano, ameríndio e caipira. É um cristianismo portador de uma economia comunitária sem nada de próprio, com cheiro de pericorese.

Todavia, se os Grupos de Reflexão, pela ascese comunitária, podem se aproximar da pericorese trinitária, o atual modelo eclesial pode entrar no mesmo caminho. Porém, é preciso, ir à fonte para ser fonte que conduz à Trindade. Voltar à fonte significa buscar ser uma pequena e quase insignificante vertente (Ez 47, 1) para ser leitões por onde a água da graça comunitária corra, irrigue e sacie a sede de Deus (Sl 62). Uma vez refontalizada, a Igreja torna-se sinal da graça transformadora e revitalizadora que interpela por vida de comunhão e participação.

A imagem da fonte, da graça fundante e do quase nada que se torna leito (cf. Ez 47, 12), tem muita ressonância na Eclesiologia, pois ajuda-nos a delinear sonhos, projetar utopias e alimentar o dinamismo renovador do Espírito Santo. É necessário entrar na *kênosis* de Cristo, que nos ajuda a assumir a postura de ser nada, de despojamento que depende da graça, um nada que transforma, que anima e projeta outro mundo possível no colo da Mãe Terra, Mãe de muitos seios.

Bibliografia

- ANDRADE, P. F.C. A condição pós – moderna como desafio à pastoral popular in: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v53, Petrópolis, 1993.
- BOFF, L. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BORTOLINI, J. *Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BORNHEIM, G. *Dialética: Teoria e praxis*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- CELAM, Conclusões da conferência de Puebla, 1979.
- RIBEIRO, Célio. A vida consagrada a luz do termo pericórese in: *Revista de Cultura Teológica*, Nº 53, São Paulo, 2005.



- KUNG, H. Projeto de ética mundial. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MANCIE, E. A. *Redes de colaboração solidária. Aspectos econômicos-filosóficos: complexidade e libertação*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO in: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, 12 de abril de 2004, p. C 1.
- MONICK, E. *Castração e fúria masculina*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MO SUNG, J. *Deus numa economia sem coração*. São Paulo: Paulus, 1992.
- SILVA, M. F. Sobre o termo pericórese. In: *Revista de Cultura Teológica*, Nº 14. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SOUZA, N. (Org.). *Catolicismo em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. Evolução histórica para uma análise da pos-modernidade in: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. *Teologia na pós – modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- ROSSETI, J. P. *Introdução à Economia*. São Paulo: Atlas, 1980.

Endereço do Autor:

E-mail: celio@furb.br